



AGO 1945
DEPÓSITO LEGAL

276

MUNDO GRÁFICO

OS HEROIS DO OCEANO SÃO ASSIM



Tropas britânicas entrando para um planador Horsa, afim de serem transportados para o seu objectivo. O aparelho leva 25 homens, completamente equipados



Um comboio de planadores do tipo Horsa voando sobre a Inglaterra, em direcção ao continente. Os aparelhos rebocadores são Whitleys



Os gigantescos planadores britânicos Hamilcars são construídos para transportar tanques «Tetrarcas» e outros carros blindados demasiado volumosos para entrarem nos aviões rebocadores. Em Arnhem, os Hamilcars, 15 segundos depois de aterrarem, despejavam veículos, que já tinham os motores em marcha, enquanto os planadores ainda estavam no ar

OS COMBOIOS VOADORES DO FUTURO

pelo PROFESSOR A. M. LOW

OS pioneiros da aviação tiveram que aprender a planar antes de poderem aprender a voar e constitue uma das curiosidades da ciência que o planar, que ensinou aos irmãos Wright o segredo do vôo do mais pesado que o ar, foi depois esquecido durante 20 anos. Os alemães dedicaram-se ao vôo planado depois da primeira guerra mundial porque lhes foi proibido possuir aviões militares. Criaram uma escola de planadores para pilotos e descobriram que o que o mundo considerava simples desporto podia ser transformado numa arma militar nova e poderosa.

Os alemães utilizaram eficazmente planadores em Eben Emael mas foi só quando se deu a campanha de Creta, em que os planadores desempenharam papel decisivo na captura do aeródromo de Maleme, que se apreciou devidamente a utilidade destes aviões sem motor, em determinadas condições táticas.

É uma feição característica da Grã-Bretanha que, quando se decidiu que valia a pena possuir planadores, tivesse tratado de os aperfeiçoar até ultrapassar tudo quanto na matéria tinha sido concebida na Alemanha. Os alemães empregaram muito menos de 100 planadores em Creta, cada um dos quais transportava dez homens. Hoje, a Grã-Bretanha possui o Horsa, que transporta 25 homens completamente equipados e o Hamilcar, que pode transportar quasi o seu próprio peso de tanques canhões ou carros blindados.

Em Arnhem, 15 segundos depois de aterrarem, os Hamilcars estavam a despejar carros blindados que tinham vindo desde a partida com os motores a trabalhar. Um dispositivo engenhoso permite ao próprio carro abrir as portas do planador quando

começa a avançar. Hamilcars e Horses podem pôr em terra não apenas algumas companhias de soldados, como a força de planadores que os alemães empregaram em Creta, mas divisões inteiras, completas com artilharia e carros de combate. Progrediu-se muito, tecnicamente, desde 1941-42 quando os planadores alemães que transportavam cargas de 5.000 Lbs. (2.500 quilos) cada um, eram considerados «admiráveis».

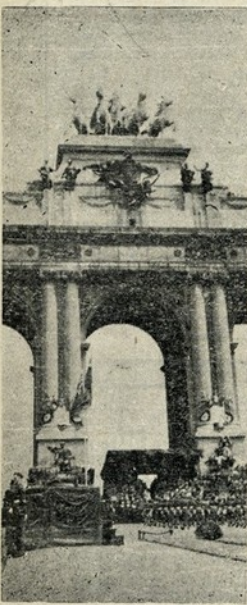
Aterragens em campos pequenos

Agora que se desvenderam os segredos dos mais recentes planadores da Grã-Bretanha, será bom pensar no futuro do planador, na paz e na guerra, e perguntar se conseguirá de facto sobreviver, excepto talvez como desporto, numa era de helicópteros e aviões de propulsão por jacto.

Quais são as vantagens do planador? A vantagem principal é, evidentemente, permitir ao avião transportar, uma carga mais pesada. Um avião pode rebocar uma carga muito maior do que lhe é possível conduzir, exactamente como uma locomotiva pode rebocar uma fila de carruagens, cujo peso é muito maior do que

(Continua na página 30)

REFLEXOS DO MUNDO



A Bélgica comemora espontaneamente a sua libertação

auxiliar outros refugiados. À noite descansa. Muitas vezes, toca violino. Não é um concertista mas interpreta muito bem as obras de Beethoven.

Raras vezes visita. Possivelmente, quando o faz é reconhecido e importunado com pedidos de autógrafos. É muito scanha-do e não gosta destas atenções. (De *Transatlantic*)

Os pintores

Se olharmos bem em redor, concluiremos que os pintores podem ser classificados como se indica a seguir:

- Pessoas que pintam o que vêem.
- Pessoas que pintam o que pensam que vêem.
- Pessoas que pensam que pintam o que vêem.
- Pessoas que pensam que pintam o que pensam que vêem.
- Pessoas que pintam.

(Punch)

As flôres do bambú

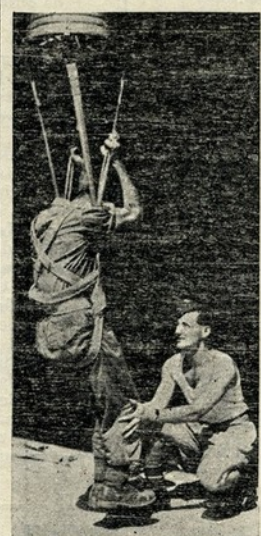
O bambú só dá flores uma vez em cada cinqüenta anos e, na China, corre a lenda de que sempre que o bambú floresce acontece grande desgraça. Uma explicação é o facto de as flôres do bambú constituírem um belo alimento para os ratos, que crescem e se multiplicam invadindo depois os arrozais que deixam completamente destruídos, vindo, como consequência, a fome. Apesar disso, aos supersticiosos pode interessar saber que o tipo mais comum de bambú — *Arundinária japonica* — deu flôr em 1939.

As extremidades do bambú, que os chineses apreciam há muitos anos, fazem um belo petisco. As pontas novas são verdes e tenras, parecendo-se mesmo com os espargos e podendo ser cozinhadas da mesma maneira — atadas em molhos e cozidas em água salgada. (Country Life)

Dezanove maneiras de dar as boas-festas

- Inglaterra, — Merry Christmas
- Bélgica — Vroolijke Kerstmis
- Portugal e Brasil — Boas-festas.
- China — Gung Tsu Yeh Su Sun Tau.
- Costa Rica, Cuba, Repúbli-

cas Dominicanas, S. Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá e Espanha — Felices Pascuas



É difícil a preparação de um paraquedista, que require robustês excepcional

- Checoslováquia — Vesele Venoce
- Etiópia — Enkwan Eberhan Ledatoo Yaddarasawo
- França e Haiti — Joyeux Noel
- Grécia — Cala Heistougena
- Índia — Ch intimes Mubarik
- Luxemburgo — em francês ou em alemão
- Alemanha — Fröhliche Weihnachten
- Noruega — Gledelig Jul
- Polónia — Wesolich Swiat
- África do Sul — Geseende Kerstees



União Soviética — Se Rozhdestvom Christovym
Holanda — Vroolijk Kerstfeest
Iugoslávia — Sretan Bozic. (Christian Science Monitor)

Um espírito prático

A mãe acabara de dar umas explicações ao seu filho sobre alguns factos da vida. — Meu filho, tens alguma pergunta a fazer? Seja o que for, não te acanhes.

Depois de um pequeno silêncio o rapaz, como que procurando coragem, perguntou: — Há uma coisa que gostava de saber há muito tempo.

A mãe, interessada perguntou o que era.

— Mãe gostava de saber como se fazem os teij.los?

(Forum Johannerburgo)

Uma lição de inglês

No interior da África, a um dos aeroportos de emergência que os aliados construíram para os aviões: que da América do Sul se dirigiam para o Médio Oriente, chegou um tenente do exército que depressa fez inúmeros amigos entre os nativos, principalmente, um velho a quem quis ensinar o inglês. Apontando para um soldado, que estava a distância, o professor disse:

- Man.
- O africano repetiu:
- Man.
- Satisfeito com o aluno, o tenente apontou uma árvore e disse:

A ÁGUIA ALEMÃ POR TERRA

Um soldado inglês, da zona de Berlim ocupada pelas tropas britânicas, olha a águia alemã que uma granada fez cair do seu «poiso» num edifício da capital alemã

Tree!
O aluno responde:
— Tree.
Passou um avião e o professor perguntou:
— O que é?
O nativo olhou, olhou para o céu e, num b.ilo inglês, disse:
— Não tenho a certeza. Parece um B 24, mas também pode ser um B-29.

(Negro Digest)



Uma oficial superior dos serviços sanitários femininos visita um hospital de feridos de guerra

COMO SE FAZ O DINHEIRO

(Continuação da página 24)

concha, remexeu o conteúdo do cadinho que jorrou chamas e fumo, tirou uma pequena porção, como um cozinheiro que quer provar a sopa, para ver se está bem temperada, e, mostrando-se satisfeito, fez sinal aos outros para inclinarem lentamente o cadinho para a sua secretária.

Em frente da secretária avançou uma fila de pequenas vagonetas cada uma das quais tinha um renque de moldes altos e estreitos, no gargalo de cada um dos quais o cadinho verteu um fio de prata em fusão. Depressa os encheu e seguiram-se-lhe as outras vagonetas até se esvaziar o cadinho.

Renova-se a operação

Entretanto, o cadinho vazio voltou a ser colocado pelo fundaste na boca respectiva da fornalha. Imediatamente a seguir um homem lançou nele um lingote de prata de cerca de 20 quilos, um lingote de cobre, outro mais pequeno de estanho e uma pazada de moedas inutilizadas durante a cunhagem, tudo, devidamente pesado e nas proporções requeridas segundo uma fórmula precisa.

Seguímos a carreta com as barras de prata. Primeiro, cada barra estreita era passada à mão por baixo duma lima giratória que lhes alisava as faces e, em seguida, por uma guilhotina que lhes cortava as pontas em esquadria. Estas barras destinavam-se ao fabrico de xelins. Na sala seguinte, começou o processo de as laminar até ficarem da espessura de um xelim. As barras passavam por um enorme laminador (entre dois grossos cilindros de aço) repetindo-se a operação três vezes. No final ficaram reduzidas a longas tiras com cerca do triplo do comprimento primitivo e tão endurecidas pela laminagem que tiveram de voltar a uma fornalha mais pequena de recozimento, o que as tornou mais maleáveis.

Fez-se isto empilhando as tiras numa faixa transportadora de movimento muito lento. Entraram assim pela porta duma casinha de pedra que abrigava a fornalha, atravessaram esta lentamente e saíram do outro lado. O calor desenvolvido nessa fornalha era de cerca de 800°.

Uma catadupa de discos

As tiras de prata estavam agora em condições de serem transformadas em moedas. Uma a uma fizeram-se passar estas tiras, rapidamente, por uma máquina (funcionavam meia dúzia simultaneamente) que cortava nelas duas filas de discos um pouco mais pequenos do que um xelim. A medida que estes discos iam jorrando para um balde, os homens levavam-nos para uma mesa inclinada, munida dum

taboleiro perfurado por onde passavam. Os discos pequenos de mais caíam através dos buracos e eram rejeitados, os bons seguiam para uma máquina mais pequena que lhes comprimia os rebordos, alisando-os para depois receberem a serrilha, aquêle lavor denteado da circunferência das moedas destinado a evitar roubos de metal. Esta maquinazinha trabalhava tão rapidamente que os discos jorravam como uma catadupa de metal brilhante.

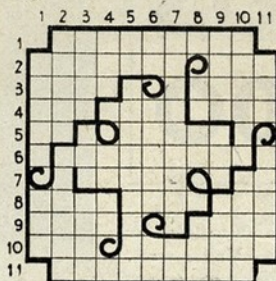
Os discos estavam, agora, do tamanho e do feitio apropriados para o processo final que os transformaria em moedas do Reino, isto é, a estampagem da effigie do Rei e dos outros símbolos e dizeres respectivos. Mas, estavam ainda duros de mais para a cunhagem e tinham que tornar-se de novo mais maleáveis. Para este fim, foram atirados para um tambor giratório que era o terceiro forno por onde passavam. Depois de girarem algum tempo neste tambor, saíam aquecidos ao rubro, atirados directamente para baldes de água. Esta mudança repentina de calor do forno para a frialdade da água dava-lhes a consistência precisa.

Julguel que já estivessem prontos para a cunhagem. Mas não, tinham ainda que ser lavados em ácido para lhes tirar a oxidação que se dá sempre quando um metal aquecido está exposto ao oxigénio do ar. Fez-se isto em outros tambores onde os discos giraram numa solução ácida de onde muitos se escapavam impellidos pela força centrífuga, rolando pelo chão molhado. Não corriam, porém, perigo de perder-se visto que o peso do metal é sempre verificado a entrada e à saída de cada sala.

A cunhagem que dá valor

Imediatamente, depois de lavados na solução ácida, seguiram para outros tambores gi-

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 113

HORIZONTAIS

- 1 — Atracaram ao cais.
- 2 — General americano, comandante do 10.º Exército do seu país, que morreu gloriosamente nas operações em Okinawa — As nossas pessoas
- 3 — Debruá — Repouso causado pelo adormecimento dos sentidos.
- 4 — Rei (latim) — Pesquisa — Pronome demonstrativo.
- 5 — Entrega — Banheiras.
- 6 — Valoroso general americano, comandante-chefe dos exércitos Aliados no Pacífico, que desembarcou recentemente na ilha de Bornéu à frente das suas tropas, para dali escoreçar os japoneses.
- 7 — Livro — Símbolo químico do cério.
- 8 — Vazias — Burro — Benigno.
- 9 — Planta da família das algas — Formiga grande, com asas.
- 10 — Ferro temperado — Brigadeiro-general americano que

comandou os 16.000 soldados da grande nação de além-atlântico que foram ocupar o seu sector em Berlim.

11 — Arrebatara.

VERTICAIS

- 1 — Beira — Olé.
- 2 — De ouro — Compacta.
- 3 — 260 (rom.) — Dificuldade — Extremo rio da Ásia, que se para, em grande parte do seu curso, a Sibéria da Manchúria.
- 4 — Rio da Rússia, com 1.500 km., afluente do Volga — Entre nós — Único.
- 5 — Símbolo químico do estanho — Essa.
- 6 — A ti — Fitas — Conjunção que designa alternativa.
- 7 — País sul-americano — Libra (abrev.).
- 8 — Catedral — Interjeição que exprime admiração — Vai-te embora!
- 9 — Aniversário natalício — Pontocardial — Pulir.
- 10 — Cavalgar — Crosta do pão.
- 11 — Ecôa — Recrear.



Solução do problema n.º 112

ratórios onde se fez a secagem por meio duma corrente de argente. Tinha chegado enfim o momento em que estes milhares de discos lisos iam ser transformados em xelins. Entrámos na sala de cunhagem.

No centro da sala, havia duas filas de máquinas parecidas com linotipos. Diante de cada uma estava um operário que enchia de discos altas colunas ócas situadas na parte superior da máquina. Os discos saíam da parte inferior das colunas, à razão de cerca de 100 por minuto, e eram empur-

rados para debaixo do cunho. Aqui repousavam sobre uma matriz por cima da qual se movia um martelo, que lhes dava uma pancada equivalente à pressão de 120 toneladas. Esta pancada forçava a face inferior do disco a penetrar nas concavidades da matriz inferior, representando a effigie do Rei, enquanto a matriz superior gravava na face de cima o leão e a corôa do verso do xelim. Ao mesmo tempo, um colar agarrava a circunferência do disco e, sob a pressão da pancada, gravava-lhe a serrilha. Estavam prontos os xelins.

Naquelas máquinas vi cunharem-se várias moedas inglesas tanto de prata como de cobre (nêsse dia não se cunharam moedas de ouro) assim como moedas de Nova Zelândia e da África Ocidental, incluindo uma que não valia mais do que a décima parte de um dinheiro.

A impressão mais saliente que me deixou a Casa da Moeda foi a do orgulho de cada artifice no desempenho cuidadoso e tão perfeito quanto possível da sua tarefa. Em qualquer fase das operações, desde a preparação das ligas lançadas nos cadinhos até a cunhagem final era evidente que se applicava a habilidade mais exímia e os conhecimentos mais completos acumulados por gerações de homens experimentados.

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, arupções ou ardência na pele.

El vende em lojas de farmácias e drogerias.

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



A COSINHA



A nossa alimentação é, cada vez mais, um motivo de preocupação e estudo — como, aliás, merece.

Reconhecemos nós, porventura, o que a nossa cosinha deve ao químico britânico e à indústria química? Para onde quere que nos voltemos encontraremos a presença do químico na soda de lavagem, no bicarbonato de sódio, nos fermentos, no sabão, no sal, na margarina vitaminada.

Os alimentos de conserva e secos, que formam as reservas de emergência ou servem para preparar uma refeição rápida, dependem para a sua pureza, conservação e mesmo para os próprios recipientes que os contém, de processos descobertos pela investigação química.

As descobertas que tornam o trabalho caseiro mais simples e que ajudam a obter-se alimentos em melhores condições, tornando a sua preparação e conservação mais fáceis, devem-se dum maneira ou doutra, ao trabalho dos investigadores químicos e ao seu aperfeiçoamento pela indústria química.



A Química ao serviço do Homem

IMPERIAL CHEMICAL INDUSTRIES, Londres, Inglaterra

Seja prático e económico

viaje na



Informações: — em todas as estações da C. P. — em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 2 4031

— no Porto: — na estação de S. Bento — Telef. 1 722

O JAPÃO PROSTRADO

NAS alocações que dirigiam aos povos inglês e americano, o sr. Churchill e o presidente Truman, no dia da vitória na Europa, aludiram, de maneira clara, à necessidade urgente de se completar a tarefa que acabava de ser terminada no nosso continente. Ambos empregaram expressões de sentido sensivelmente idêntico, para caracterizarem o firme propósito da Grã-Bretanha e dos Estados Unidos de liquidarem, a resistênciado Japão.

Decorridos dois meses sobre as suas solenes afirmações, uma gigantesca esquadra anglo-americana ataca directamente o litoral nipónico, bombardeia de perto as suas cidades, reduz à impotência a actividade de alguns dos seus mais importantes centros industriais, faz, numa palavra, perante o povo japonês a prova insofismável do poder militar e económico aliado.

Quando das visitas do Primeiro Ministro da Grã-Bretanha aos Estados Unidos, em 1943, levantou-se a questão de saber até que ponto, uma vez terminada a guerra na Europa, estavam os ingleses decididos a colaborar no aniquilamento do militarismo e do imperialismo japonês. As declarações, feitas nessa altura pelo sr. Churchill, foram de tal maneira categóricas e elucidativas, que mesmo os mais ardorosos isolacionistas norte-americanos não deixaram de se sentir impressionados pela sua eloquência e pela sua sinceridade.

A acção conjugada do Primeiro Ministro britânico e do malgrado presidente Roosevelt fez com que a chamada estratégia de Casablanca, que dava prioridade à condução e à conclusão da guerra contra as potências do Eixo na Europa, fôsse aceite como uma realidade vantajosa. Os benefícios dessa decisão estão, agora, à vista. A Alemanha, que era o cérebro e o centro vital da coligação totalitária, foi vencida e o Japão encontra-se completamente isolado numa resistência sem esperança e sem finalidade. A sua derrota é uma certeza, tão clara como luz do sol. Que teria acontecido se os dirigentes ingleses e americanos tivessem enveredado por um caminho diferente e dispersassem os seus recursos e as suas possibilidades?

A dois meses de distância da conclusão vitoriosa da guerra na Europa, os navios de linha ingleses e americanos despejam, nas praias do Japão, os projecteis das suas peças de grosso calibre, das peças «mamut», de fogo irresistível e mortífero. Não é a primeira vez que se verificam factos desta espécie na história das guerras: navios inimigos arriscando-se ao fogo de terra e à resistência de uma esquadra poderosa.

Mas, tal como está acontecendo com o Japão, o facto deve considerar-se inédito, por várias razões. Não se trata de um ataque esporádico, realizado de surpresa, mas de uma série de operações, maduramente planeadas, e cuja execução está a ser metódicamente realizada. Pela primeira vez, decerto, o comandante chefe de uma esquadra atacante avisa o inimigo ao que projecta fazer, indicando-lhe, ao mesmo tempo, o prazo em que o vai fazer. Foi essa, como se sabe, a atitude do almirante Chester Nimitz, antes de dar ordem à esquadra poderosíssima colocada sob as ordens directas do almirante Halsey, para atacar.

Por último, há uma terceira característica das operações que estão actualmente em curso no Extremo Oriente e que merece ser posta em relevo. Com excepção dos raros aviões suicidas, que fazem episódicamente a sua aparição, a aviação nipónica, tal como a esquadra, não aparece. A luta, do lado aliado, pode ser conduzida exclusivamente com o apoio dos aviões da esquadra que chegam a aparecer em números ainda há pouco considerados fanfarrões.

Efectivamente, as notícias que dão conta do desenvolvimento das operações no Extremo Oriente, dizem que chegam a estar no ar, simultaneamente, milhares de aparelhos dos porta-aviões ingleses e americanos. Este número dá ideia do extraordinário poder naval das duas nações que combatem o Japão no Pacífico.

A participação britânica na guerra contra o Japão torna-se cada vez maior, à medida que o tempo decorre e não se limita à colaboração activa da esquadra e da aviação nas operações actualmente em curso. As forças aero-navais, colocadas sob o comando de Lord Luiz de Mountbatten, prepararam-se para a fase final da luta que se aproxima rapidamente. A campanha da Birmânia demonstrou a excelência das tropas e do material britânico para a realização de uma guerra de tipo inteiramente novo, a qual bem pode considerar-se como uma autêntica epopeia da tenacidade dos combatentes que defendem a causa da Grã-Bretanha. Este país não esquece que a hora de Pearl Harbour foi, ao mesmo tempo, a hora de Singapura e de Hong Kong e que as compensações, devidas por essa hora, interessam fundamentalmente a honra da Grã-Bretanha e o seu futuro como grande potência imperial.



BASIL E. EMBERY

POUCOS heróis desta guerra terão para contar aventuras mais extraordinárias do que aquelas que se passaram com o vice-marechal do Ar Basil Embery, que acaba de ser condecorado, pela quarta vez, com a D.S.O.

Embery, que conta actualmente 44 anos de idade, é do Gloucestershire, casado e com três filhos. Quando rebentou a guerra alçou-se na aviação e revelou-se, rapidamente, como um piloto de grande classe.

Em Dunkerque combateu até ao último momento, voando baixo e metralhando o inimigo de alturas verdadeiramente inverosímeis. Acabou por ser feito prisioneiro e internado.

Mas a situação de prisioneiro não era, positivamente, a que melhor convinha ao seu feitio. Embery preparou e realizou uma fuga audaciosa que custou a vida a três dos guardas do campo onde estava prisioneiro. Puzeram-lhe a cabeça a prêmio e ofereceram cinco mil libras a quem o entregasse.

Embery tinha tomado as suas precauções. Vestido com o fato dum simples operário francês, assistiu à entrada de Hitler em Paris. Porcorreu, depois, a pé mais de mil quilómetros até chegar ao edifício da embaixada do seu país em Madrid.

De regresso a Inglaterra assumiu imediatamente o comando dum esquadrilha de caça. Não atendendo às ordens expressas que havia recebido, meteu-se, um dia, no seu avião e, com o nome de comandante Smith, foi atacar o Quartel General da Gestapo, em Copenhague, realizando um raid que lhe deu a maior e a mais justacelibridade em todo o mundo.

MOMENTO INSPIRADOR

por JOÃO DE BARROS

TODO este quebrar de algémas, que se ouve pela Europa enfim liberta; todo este despertar de seiras, que de novo pulsam no cerne dos povos ressuscitados; todo este vitorioso e glorioso tumulto da alma das nacionalidades, que tateiam, e buscam, e reencotram os seus ramos tradicionais; todos estes horizontes que se iluminam de esperança; tôdas estas certezas ou promessas madrugando no futuro que nasce a cada momento das ruínas do passads e das hesitações do presente, — tudo isto, que é tão belo, tão grande e tão consolador, não basta para emudecer a voz dos pessimistas de vocação, nem para convencer a inteligência dos derrotistas profissionais... Ergue-se a Europa, ergue-se o Mundo dum pesadêlo que parecia não acabar, savodem a espessa e trágica bruma duma noite que se diria eterna, e há ainda quem exija que desde logo, não fique, não se veja, não se adivinhe sequer o menor vestígio dos sofrimentos e calamidades, das lutas e desgraças, das misérias, carnificinas e doree do dia de ontem. Rebaixante, vergonhoso estado de espirito, que ou denuncia enfermidade incurável, ou pressupõe maldade irremissível. Ou é — quem sabe? — em determinados sectores de opinião pública, o doentio desejo de que comece o drama, pela mesquinha e, aliás enganosa e nociva aspiração de que êle atinja apenas paise, homens ou ideas que essa opinião condena, por facciosismo e ignorância, sendo por ódio recalcado.

No admirável, realmente admirável livro de Eva Curie, «Journey among Warriors», regista a autora um episódio muito significativo que, em plena Africa Ocidental, o com ndante das Fôrças Britânicas ali, brigadeiro W. H. A. Biskop, antigo secretario do gabinete de guerra inglês quando do colapso da França, lembrou e lhe contava. Ao regressar de Tours, onde não conseguira demover a resistência passiva dos franceses perante o pântico deseuirolar dos acontecimentos, Winston Churchill declarou aos seus ministros desanimados que a França estava em vésperas de negociar com Hitler. «O primeiro ministro» — escreve então Eva Curie — «pintou a situação com côres extremamente sombrias, passou em revista a desoladora perspectiva militar, a desoladora perspectiva politica, e concluiu em voz baixa e firme: estamos sós, completamente sós diante da Alemanha. Estamos isolados. E o brigadeiro proseguiu: houve um silêncio de morte, que jámas esquecerei. Vimos Churchill, orgulhoso, erguer a cabeça. E, lançando-nos um olhar de desafio, disse simplesmente: — esta é uma situação verdadeiramente inspiradora».

Nada mais heroico, nada mais comovente do que a resoluta decisão que os palavras de Churchill traduziam perante o angustioso isolamento da Inglaterra, naquêl instante de suprema gravidade. Êles condensavam e afirmavam tôda a resistência moral da nação e do povo, que o génio de Churchill conduziu ao triunfo merecido, e que sempre — constintam que o recorde de passagem — julguei, por intuição e fé, inevitável. Situação inspiradora, dizia Churchill. Inspiradora — de quê? De tenacidade, de coragem, de audácia sem tréguas e sem limites, de attitudes epicas, de energia persistente e veemente, de civismo nobre e esclarecido, de vontade que não se curvava nunca perante as ambições e as violências dos adversários...

Pregunto agora: — não será também, ainda que, por motivos opostos, mas não em sentido oposto, «verdadeiramente inspiradora» a situação do mundo neste prelúdio, neste momento promissor da Paz definitiva? Creio que sim. Necessário é, porém, que em sentimento, pensamento, vontade e consciéncia, a humanidade queira e saiba criar — criar, assegurar e manter — a atmosfera de severa confiança, o clima hospitaleiro e abrigante, indispensáveis à ecl-são das verdades e das realidades felizes, que de todos os lados surgem, e em todo o nosso universo despontam.

Churchill em Berlim

A viagem do Primeiro Ministro da Grã-Bretanha à capital do Reich vencido, no caminho, para Potsdam onde foi assistir à Conferência dos Três, constitui um acontecimento de inegável interesse. Churchill assistiu a uma parada militar na qual tomaram parte os veteranos das mais gloriosas campanhas e das batalhas mais duras travadas durante a guerra contra um inimigo excepcionalmente apetrechado e experimentado. Inaugurou um clube destinado às fôrças que terão o encargo de participar na ocupação de Berlim. Visitou a Chancelaria, o palácio monumental, que devia perpetuar por mil anos o domínio nazi no mundo, segundo a expressão característica empregada por Hitler num dos seus discursos.

Em alguns dos pontos que visitou, Churchill foi aclamado o que merece registo especial. Ninguém como o Primeiro Ministro da Grã-Bretanha trabalhou e contribuiu para a vitória do seu país. Ninguém como êle preparou e realizou a derrota da Alemanha hitleriana. Começarão os alemães a reconhecer que este combatente excepcional combatia por uma causa de justiça e de humanidade?

A esquadra inglesa no Extremo Oriente

A participação da esquadra britânica na luta contra o Japão tornou-se decisiva para a condução da guerra no extremo Oriente. Duas poderosíssimas fôrças navais britânicas estão concentradas naquelas paragens: a esquadra inglesa do Pacífico e a esquadra inglesa das Indias Orientais, a primeira comandada pelo almirante Sir Bruce Fraser e, a segunda, do comando do almirante Lord Luiz de Mountbatten.

Da primeira fazem parte os navios de linha «King George V», «Duke of York» e «Howe», de construção moderníssima, e os porta aviões «Formidable», «Illustrious», «Indefatigable», «Indomitable» e «Victorious», além de cinco cruzadores e doze contra-tropedeiros. A segunda inclui os couraçados «Queen Elizabeth», «Valiant» e «Renown», sete cruzadores e catorze contra-tropedeiros. Trata-se de uma fôrça imponente que vai tomar uma parte decisiva no assalto à metrópole japonesa.

MUNDO GRAFICO

Director: **ARTUR PORTELA**

Chefe de Redacção e Editor: **REDONDO JÚNIOR**

Redacção e Administração: Rua das Gáveas, 6-2.º / Lisboa / Telefone 2 5240

REVISTA QUINZENAL

PROPRIEDADE DO MUNDO GRAFICO, LTD.

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.ª — Travessa da Oliveira, à Estréla, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1880

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Montgomery, assistindo a uma parada das tropas russas, no quartel geral do marechal Rokossovsky

MONTY, OBRIGADO!



O marechal Montgomery cortando o «victory cake» em Mansion House, vendo-se à sua direita o Lord Maior, de Londres



O heróico marechal recebendo os delegados alemães, que foram tratar da rendição das suas tropas

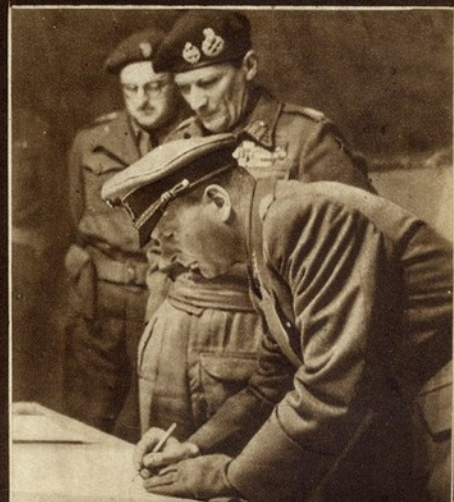
— pelo —
**MAJOR LEWIS
 HASTINGS**

NESTA guerra, os soldados do Império Britânico ergueram-se a níveis de coragem, habilidade e disciplina que nunca foram ultrapassados e os seus comandantes foram dignos de tais exércitos. Em toda a nossa história nunca defendemos causa mais elevada e nunca estivemos mais chegados à beira do precipício. Mas, a hora premente fez surgir o homem — em cada zona de acção e em cada esfera de comando.

O mais conhecido de todos estes comandantes britânicos, tanto na Grã Bretanha como nos Domínios, estimado e respeitado muito para além das suas fronteiras, é o marechal de campo Sir Bernard Montgomery. As suas vitórias alinharam-no com os soldados mais ilustres deste país — com Marlborough e com Wellington. Alamein, o Deserto, a Linha Mareth, a Batalha da Normandia (a mais crítica e a mais decisiva de todas), Antuerpia, o Reno e o Elba — eis um rufar de tambor que entusiasma. Mesmo durante a sua vida, os métodos de organização e de comando de Montgomery, o próprio carácter do homem, já fazem parte da tradição militar da nação.



O marechal visitando as tropas inglesas acantonadas em Osnabruck, Alemanha



O: alemães rendem-se a Montgomery



leção feita pelo major general Montgomery, como ele então era, à escola de oficiais superiores, na Inglaterra, depois da retirada de Dunquerque. O que ele então disse sobre a retirada e sobre as lições que dela resultavam produziu uma impressão profunda e inesquecível no seu auditório. Nas suas palavras não houve nem emoção nem retórica — foram de simples bom senso, puro e nu, um extracto concentrado da experiência de um soldado prático, no menor número de palavras possível. Mas aqueles que recordam o que então foi dito vêem hoje quanto eram pertinentes aquelas frases curtas, não só em relação à campanha de 1940 mas também em relação à história do exército britânico desde Alamein.

Foi também nessa mesma ocasião que Montgomery afirmou

(Continua na página 28)

O povo de Londres aclama entusiasmamente o homem que, de El Alamein ao coração da Alemanha, só obteve vitórias

Montgomery possui uma qualidade que é a marca de contraste de um homem de acção. Por muito complicado que seja o problema que ele tenha que resolver, compreende-lhe quasi instinctivamente a pura essência. Ele é mestre em matéria de pormenores, mas nunca permite que estes lhe toldem a visão. Isto não é nêle coisa nova. Muito antes

de vir a ser um condutor de exércitos as suas preleções sobre assuntos militares resolveram essa qualidade. Tinha o condão de ir direito ao âmago da matéria.

Frases curtas que predisseram a história

Um exemplo frisante do que acabamos de referir foi a pro-



Os povos libertados aclamam Monty. Nas ruas de Antuérpia



Montgomery saúda as tropas das Nações Unidas



Visitando os navios ingleses no porto de Copenhague



Casamento em Okinawa.

Por onde têm passado os japoneses só cometem depredações e ruínas. A raça branca, a quem o Oriente deve um esforço gigantesco de civilização, está sendo vítima de violências sem nome, como as que se registaram nomeadamente, em Hong-Kong e Singapura, onde nem as mulheres foram poupadas. Inglêses e americanos demonstram ao cruel adversário nipónico, como são os

seus ideais humanos. Nesta fotografia vê-se um capelão do exército yankee celebrando o casamento de um tenente japonês com uma mulher da sua raça, segundo o rito budista.

Foi oferecida uma tenda aos noivos, ficando depois o marido prisioneiro. As fisionomias foram tapadas pela censura militar afim de os conjugues não serem identificados.



Uma gaiola de pássaros, cujas grades são uns lindos cabelos



Um artístico penteado, que se pode denominar clave de sol



Com pouco faz um diadema desta verdadeira rainha da moda

CONCURSO DE PENTEADOS

COMO vêm, leitoras amigas, os chapéus já não são precisos para nada. A fantasia, agora, em vez de ser dos modistas de chapéus é dos discípulos do célebre e mágico Antoine, esse Antoine de cabelos platinados, que repousava numa redoma de vidro e penteava as aristocráticas damas inglesas que, de avião, iam propositadamente a Paris arranjar os seus cabelos de ouro.

Sim. Para quê os chapéus? Num concurso de penteados que, recentemente, se realizou em Londres, os cabeleireiros-artistas provaram que o «prolongamento vegetal» da inteligência, como dizia certo filósofo de trazer por casa, se presta mais à fantasia dos ditadores da moda.

Não podemos garantir que os orçamentos domésticos ganhem alguma coisa com a troca. Apenas isto: que as senhoras talvez ganhem em elegância e... excentricidade.



Uma cabeça que sugere as figuras de Clouet, um artista francês que pintava rainhas. Há no perfil desta mulher qualquer coisa de gótico



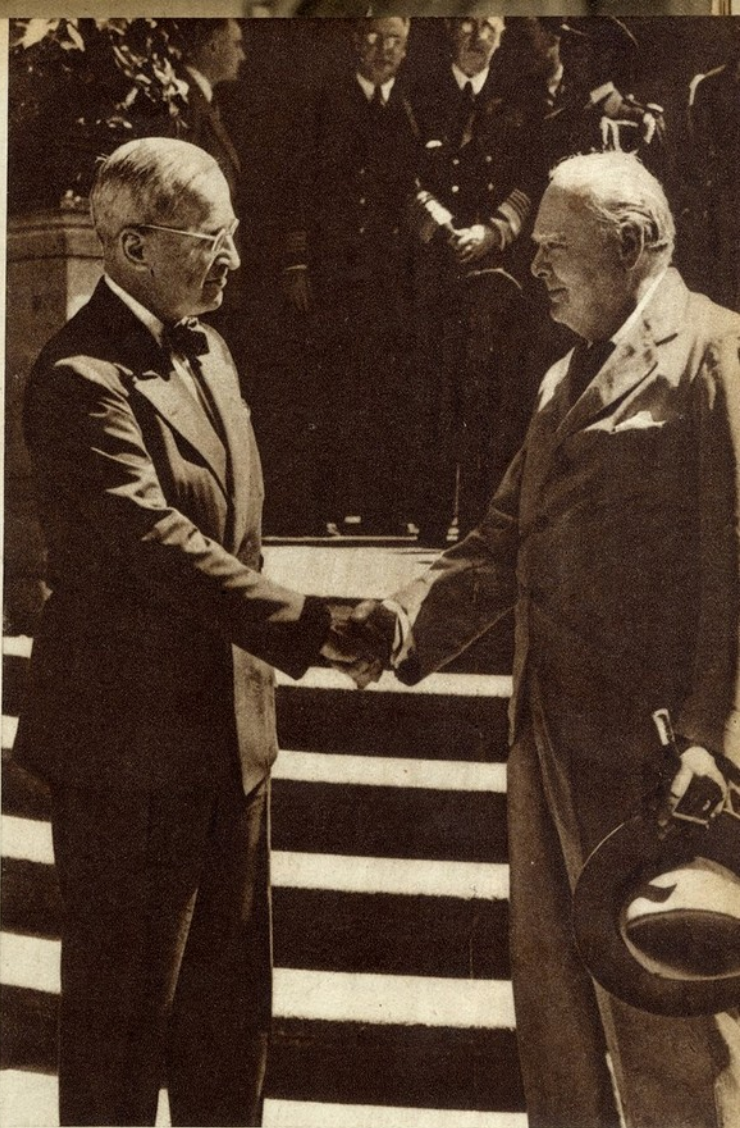
Plumas, cachos, canudos — tudo isto característico de uma época, 1910, por exemplo, ainda hoje se vê com interesse



Um belo penteado como este, ainda por cima decorado como uma ave do paraíso, dispensa o melhor chapéu



A chegada de Churchill ao aeródromo de Berlim. A seu lado o marechal Montgomery



Este aperto de mão de Churchill e Truman, em Berlim, representam a grande vitória dos exércitos das Nações Unidas.

OS TRÊS GRANDES EM BERLIM

O território da Alemanha foi ocupado, em consequência de uma guerra que os seus dirigentes provocaram e que o seu povo aceitou, na qual a derrota militar coroou os seus esforços ao fim de cinco anos e oito meses de luta. Esta é a realidade predominante que condiciona a situação da Europa neste período, ainda confuso e perturbado, que se seguiu, imediatamente, à cessação das hostilidades.

Pela primeira vez, depois de um período de cento e trinta anos, os alemães conhecem a luta que invariavelmente reservaram aos outros povos.

A situação criada pelos vencedores, à custa de sacrifícios e dificuldades de toda a espécie, constitui, por isso, um acontecimento de significação histórica e de vastas proporções que bem pode assinalar o início de uma nova era para o nosso pobre e perturbado continente.

A ocupação militar que está a ser realizada pelos Aliados no meio de experiências e tentativas compreensíveis quando se considera o carácter inédito do fenómeno a que corresponde apresentar o prólogo de uma política que os acontecimentos impõem, cada

(Continua na página 14)



Stalin, Truman e Churchill

Ao centro, Truman, presidente dos Estados Unidos, pisando pela primeira vez terra alemã



EXPLENDOR DA MOCIDADE



Uma linda cabeça para a vitória de Samotrâcta. Parece voar sobre o obstáculo



Como se lança um dardo! Os celtas alvejavam o céu; as mulheres de hoje, as que são românticas, o coração dos Marjredos Maratona. Uma largada para 60 metros. O corpo freme no impulso inicial da corrida, a ganhar



Seguindo o treino. Louras, morenas, flores de raça que a ginástica floresce em beleza



INFELIZMENTE, ainda hoje existem ponderadas pessoas a quem as atitudes livres das jóvens, na alegria das práticas livres dos desportos salutarres, causam sibilinas murmurações. No entanto, há quem afirme que essas condenações nem sempre são sinceras; e há até quem afirme que tais maldizeres se devem atribuir à influência impiedosa dos anos.

Temos de nós para nós que, se nos tempos das nossas avós, fôsse moda nadar de «maillots», andar de bicicleta, guiar um «Austin», saltar à vara ou tomar parte num «match» de futebol elas não seriam menos desportistas do que as raparigas actuais. E se as nossas avós não praticam os jogos desportivos actuais não é, estamos certos, por falta de vontade. A causa deve ser outra. Admitimos, ingenuamente, que seja por falta de certas energias indispensáveis.

O mundo, como diria o conselheiro Acácio, agora tão justo e brilhantemente glorificado, não pára. Por isso, as jovens de hoje fazem o que as suas respeitáveis avós não faziam; e quem nos diz a nós que as raparigas modernas, tidas por seres arrapazados, não parecem às do futuro, jovens tão comedidas e acanhadas, mesmo a praticar jogos desenvolvidos ao ar livre.

Isto, porém, são suposições, apenas.



Uma espinha de vértebras aço, apolando uma cabeça vigorosa de desportista



Outra corrida. Um fito: a meta. Os corpos alvejam ao sol, retezados da velocidade condensada

E nem todos estão dispostos a ler provisões sobre o que virá a suceder no futuro. Ergamos, pois, uma saudação às jovens desportistas de hoje, que nos dão na graça rítmica dos seus movimentos, uma ilusão de beleza estatuaría. Admiremos a esbelteza e a harmonia escultórica dos seus corpos; e não acreditem no que sentenciam as pessoas respeitáveis, em especial quando afirmam que a abundância de muitas roupas a cobrirem a nudez, põe um ponto final no pecado.

Essas pessoas se recordassem o exemplo de Eva, não propagavam, decerto, juízos tão temerariamente modernos!...

Sim. Desconhecemos qualquer referência escrita acerca da vida «au grand air» daquela paradisíaca personagem.

Sabemos, apenas, que não era dada a usar muitos vestidos, e, contudo, ainda hoje ninguém, por mais antigo que seja, a condena por ela ter usado «toilette» desportiva. E a Eva era bem antiga.



Um minuto de descanso, em que se ajusta um sapato num pé que não é propriamente o de Cendrillon



Como as mulheres jogam o baseball na América, a prova de fogo e de bolas agressoras

OS TRÊS GRANDES EM BERLIM



A primeira sessão da conferência dos três em Potsdam. À mesa redonda vêm-se, entre outros, Truman, Stalin, Churchill, major Attlee, Molotov e Eden. Os fotógrafos entram na sala para fixar o momento histórico

(Continuação da pág. 11)

vez mais vigorosamente, à medida que se confirmam e consolidam os resultados da vitória comum.

Quais devem ser os limites gerais dessa política, em relação às quais nenhuma divergências ou dúvidas são de admitir? Os Aliados desejam, acima de tudo, que a Alemanha seja colocada em condições de não poder lançar novamente o mundo na guerra. A experiência tem demonstrado que, a cada nova tentativa bem ou mal sucedida, se sucede uma nova tentativa caracterizada por ambições mais vastas e servida por mais extensos recursos.

As guerras de tipo nacional, desencadeadas e ganhas pela Prússia, entre 1865 e 1870, sucedeu a primeira guerra levada a cabo pela Alemanha Imperial, a qual se localizou na Europa e nas regiões vizinhas, e seguiu-se a segunda conflagração que envolveu todos os continentes alargando-se pela participação do Japão, aos confins do Extremo Oriente e do Pacífico. Simultaneamente, no espírito dos dirigentes alemães operou-se nesses três quartos de século uma transformação profunda. As aspirações afirmadas pela Prússia de Bismark degeneraram na filosofia da dominação mundial que constituía o tundo das doutrinas nacionais socialistas e matéria de política externa.

Os vencedores pensam, e a esse respeito não há entre eles divergências que possam sobrepôr-se ao imperativo das realidades, que o mundo não pode ser mais sujeito à incidência da agressão premeditada nem à renovação da ideia de conquista e dominação que deu um carácter original à intervenção alemã nas duas conflagrações.

A supressão das tradições militares e das organizações concretas a que essas tradições correspondem e o desaparecimento da parte da aparelhagem industrial invariavelmente orientada no sentido da produção de guerra constituem as condições mi-



O major Attlee, chefe do partido trabalhista, acompanhou Churchill, quando este era primeiro ministro à conferência de Berlim. À sua chegada ao aeródromo alemão



Um soldado das Nações Unidas pintando um aspecto de Berlim, no parque de Tiergarten. Na fotografia vêm-se o almirante Cunningham, os marechais Alan Brooke, Charles Portal, Maitland Wilson e os generais americanos Arnold Mark Clark



No monumento da Vitória. Numas principais artérias de Berlim, vêm-se os retratos de Truman, Stalin e Churchill, que, de noite, são iluminados



Os chefes das forças inglesas visitando as ruínas do Reichstag



Churchill chegou a Berlim. Ei-lo acompanhado de Anthony Eden e vários oficiais russos visitando escombros do ministério dos negócios estrangeiros



Churchill, com diversos oficiais superiores ingleses, dirige-se ao Reichstag agora em ruínas



Churchill através de Berlim, num «jeep» americano, acompanhado de Eden

No parque de Tiergarten. Sir Andrew Cunningham e os marechais Alan Brooke chefe do estado maior imperial e Charles Portal, chefe da R. A. F., colhendo, nas ruínas de Berlim, fragmentos da estátua de Frederico da Prússia

AS MULHERES NA GUERRA



Nos quartéis gerais prestaram serviços como dactilógrafas.

Centenas de enfermeiras foram lançadas de paraquedas, nos campos de batalha, onde se portaram, heroicamente

As luzes voltaram a acender-se e, desde esse dia, as crianças que se tinham refugiado nos campos da Inglaterra, no tempo da blitz, voltaram a Londres



Uma médica militar, nas regiões geladas



Os pilotos dos grandes bombardeiros que esmagam, agora, o Japão, foram eles que os construíram

Agora, agora que a guerra terminou na Europa, despir a farda. As toiletteas, porém, conservam a linha geométrica dos uniformes



Também as mulheres da Índia contribuíram para a vitória das Nações Unidas

A bordo de um grande avião de transporte sanitário a enfermeira cuida dos feridos

VENCERAM OS TRABALHISTAS



O major Attlee, fraternizando com o povo, durante a campanha eleitoral. Mesmo no meio da rua toma uma caneca de chá



O acto decorreu no meio da maior calma. Todos cumpriram o seu dever. Um grupo de enfermeiras dirigindo-se a uma secção de voto



No dia das eleições, a vida inglesa conservou a sua fisionomia habitual. Depois do sufrágio o povo foi ver o render da guarda no palácio de Buckingham



Churchill e sua esposa dirigindo-se a uma reunião eleitoral



O voto de Mrs. Churchill

O Povo inglês, no cumprimento do seu dever cívico, elegeu um novo Parlamento que deve iniciar os seus trabalhos no dia 8 de Agosto. As eleições decorreram no meio de uma ordem e de uma calma exemplares e a nova Câmara dos Comuns, que saiu das urnas, traduz a vontade da Nação, expressa livremente. A Inglaterra deu, mais uma vez, ao mundo um exemplo admirável de civismo e fez a demonstração prática de que, naquele país, as instituições democráticas funcionam com uma regularidade e uma eficiência perfeitas.

O novo Governo é constituído por algumas individualidades que

acabam de revelar a sua capacidade durante a fase mais crítica da história do povo britânico. A sua acção não deixará, certamente, de se orientar para a defesa dos interesses supremos da paz e para manter as grandes tradições britânicas no mundo.

Reelegendo Winston Churchill, por uma grande maioria, os eleitores ingleses quiseram prestar uma homenagem sentida e eloquente ao chefe admirável que soube orientar e encaminhar a nação durante a guerra, conduzindo-a, ao fim de cinco anos, ao porto seguro da vitória. Essa homenagem traduz os sentimentos unânimes do povo in-

(Continua na pág. 30)



O chefe do partido conservador, num discurso eleitoral. Enquanto as mães votam, os pequerruchos esperam cá fora



O chefe do partido trabalhista num «meeting» de propaganda

ÊLES VÊEM...



ÊLES vêem de certa maneira. Os olhos apagam-se, mas a inteligência como que duplicou as suas volições. O sentido perdido é substituído pela sensibilidade do tacto, mais aguçado, emocionante mesmo. Com uma educação cuidada e enternecida, o invizível está em contacto com a alegria da vida. Partilha dela como qualquer de nós. Em Portugal, quasi todos são músicos, artistas extraordinários. O som como que vibra de uma maneira diferente nas suas almas. Desentranham harmonias de extraordinária beleza — êsses dedos que sentem, palpam, vêem!

Ê vê-los por essa cidade, colados às esquinas, alguns de cabelos revoltos, santos de baldaquino, enchendo de poesia e de romantismo, a trivialidade das ruas.

Dir-se-ia que na sua cegueira, êles alcançam mais alto, mais longe do que nós, a luz das estrêlas que torna a vida mais doce, mais sentida e mais profunda. Então, tudo se espiritualisa à sua volta. Derramam sonho. Aliviam o sofrimento dos destinos incertos. Espargem esperança sôbre a existência mais cruel e desesperada.

Nas suas velhas músicas há sempre um pouco da nossa mocidade. Enchem-se os olhos de lágrimas por essa saúde que já morreu, mas que deixou um perfume na nossa alma. Tudo é música, uma ligeira nota de música fiébil, subtil, que ascende liricamente até ao alto das mansardas, ou se insinua nos casebres humildes, numa sensação de pureza e de recordação.

(Continua na página 30)

Uma aguda sensibilidade quasi substitui o órgão da visão



Com êste mapa em relevo êles aprendem geografia

Como escrevem à máquina →



Uma partida de xadrez





Núvens de fumo negro e estilhaços erguem-se no centro ferroviário de Chikman, na ilha Formosa, após um violento ataque dos bombardeiros americanos

DE bordo de um porta-aviões americano, em águas do Pacífico, largaram os aparelhos da aviação naval que, pela primeira vez, iriam bombardear a ilha japonesa da Formosa. Foi no mês de Outubro de 1944, e o dia 11 marcava o início de uma agonia lenta que iriam atravessar os objectivos militares e industriais daquela ilha, sujeitos aos mais violentos golpes, desferidos com precisão de mestre, pelas super-fortalezas «B-29», do 20.º Comando de Bombardeamento, e pelos Mitchells «B-25», da 5.ª Força Aérea Americana.

Situada no Mar da China, entre a costa chinesa e o Arquipélago de Ryukyu — ao qual pertence a ilha de Okinawa, teatro de uma das mais belas páginas nos anais das forças americanas — a ilha Formosa constitui um importante centro de produção para a máquina militar inimiga.

Docas, armazens, fábricas e vias de comunicação — tudo

(Continua na página 30)

ATÉ TÓQUIO



Uma só bomba lançada de um Mitchell «B-25» americano, provocou esta violenta explosão numa ponte ferroviária na ilha de Formosa



Voando a baixa altitude sobre o centro ferroviário de Shkoa, na ilha de Formosa, bombardeiros americanos largam as suas bombas em paraquedas



Resultados do ataque do Mitchell «B-25»: núvens e estilhaços do que foi a activa cidade industrial de Kagí, nada mais resta que ruínas

**FIGURAS
E FACTOS**



O sr. Embaixador dos Estados Unidos junto dos convidados ao «garden-party» que ofereceu nos jardins da sua residência



Salvou-se a maioria aos óleos de arte que os alemães tinham levado da Holanda. Estes quadros voltam, agora, aos seus museus



O sr. Adido da Imprensa da Embaixada Americana conversando com os convidados

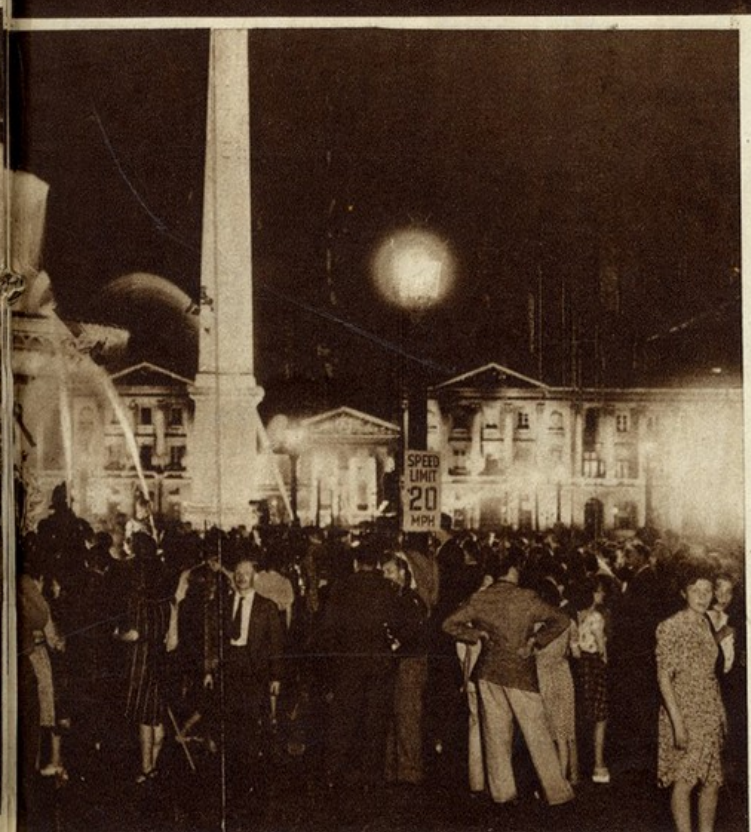


No Tamisa já se vêem numerosos barcos de recreio em regata de vela

O 14 DE JULHO



O povo na praça da Concórdia. Há seis anos que Paris não solenizava a data gloriosa



O general De Gaulle, tendo à direita o Bey de Tunis, assiste à grande parada

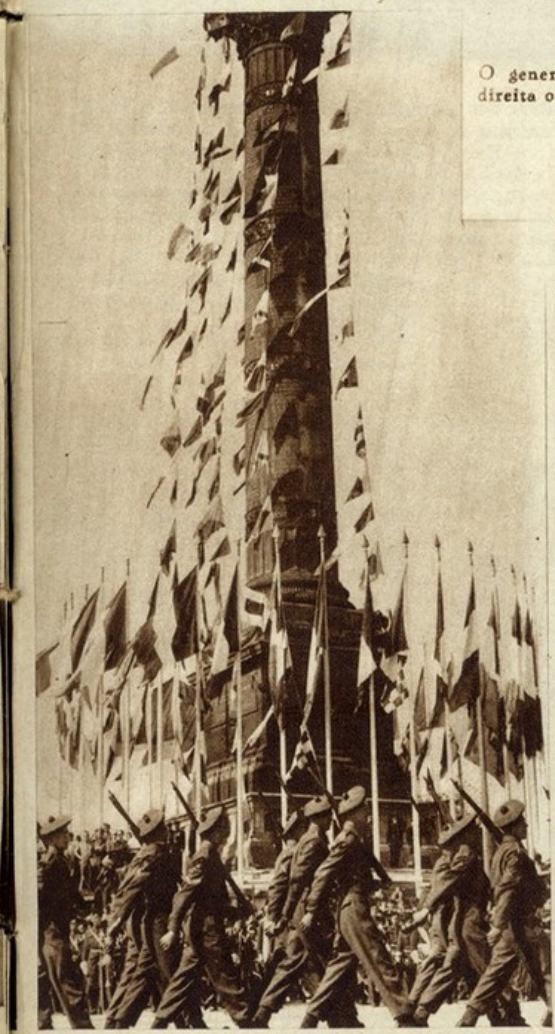
A ESPOSA DO CHEFE DO ESTADO VISITA AS INSTALAÇÕES, ALTEX NO PORTO



A senhora de Fragoso Carmona visitou as instalações «ALTEX», no Pôrto, onde se fabricam as conhecidas sê-las estampadas que estão em aberta concorrência com o que do Estrangeiro, se importa de melhor. Na nossa gravura, vê-se a esposa do Sr. Presidente da República, acompanhada da sua família, analisando a qualidade e beleza das sê-las estampadas «ALTEX» que lhe mostram os Srs. Alfredo Teixeira e António Saratca, gerentes daquela Empresa, que honra o Pôrto e o País.



Na praça da Bastilha, onde outrora se erguia a famosa prisão de estado



As tropas inglesas associaram-se às festas do 14 de Julho



O povo dança nas ruas



Novinhas, novinhas em folha. São autênticas, acabadas de sair da Casa da Moeda

COMO SE FAZ O DINHEIRO

por JOHN BRADSTREET

PERTO da Torre de Londres, ergue-se um belo edifício onde se cunham há mais de cem anos, as moedas da Grã-Bretanha: a Real Casa da Moeda. Antes de 1810, a Casa da Moeda do Rei da Inglaterra era na Torre de Londres, aquela velha fortaleza construída pelos Normandos onde ainda se guardam, em tempo de paz, as jóias da corôa. Construiu o novo edifício Sir Robert Smirke que, juntamente com seu pai e seu irmão, foi o arquitecto da

maioria dos grandes edifícios públicos de Londres, tais como o British Museum.

Qual é a primeira coisa que espera ver quem visite um lugar onde se cunha moeda?

Atravessámos um pátio e entrámos numa sala imponente. Foi como se entrássemos num palácio fantástico de Génios. Enormes fornalhas, no meio da sala, lançam chamas rubras, verdes e douradas. Homens munidos de máscaras e de grandes luvas de amianto levantam as tampas dos cadinhos que encimam as fornalhas e remexem-lhe o conteúdo. Ao entrarmos, um guindaste transportador moveu-se por cima duma das fornalhas, baixou um enorme grampo, retirou um dos cadinhos e veio depositá-lo em cima dum banco, em frente de um homem, que se mantinha de pé junto duma espécie de secretária. Este cadinho era feito duma matéria parecida com a pedra e resplandecia como enorme brasa de carvão. Senti uma onda de calor lambem-me o rosto.

O homem, protegido do calor por bandeiras de metal, estendeu o braço e, com uma

(Continua na página 4)

Desias tiras metálicas cheias de orifícios cilíndricos, saíram as moedas antes de cunhadas



Esta é a Casa da Moeda, próxima da Torre de Londres, que foi construída em 1810

PÁGINA FEMININA

de AURORA JARDIM

AQUI, NO VIDAGO

NESTE Palace de aristocráticas tradições, há momentos em que o «hall» parece um salão de passagem de modelos.

Madame M. A. F., uma avó que parece mesmo uma menina, tem sempre vestidos plasmados em bom gosto, quer sejam estampados harmoniosos quer jerseys de majestoso drapejar.

M.^{ma} M. R. G. trouxe, de Lisboa, o ritmo da sua elegância.

M.^{ma} M. V. G. C. M. vai constantemente de Almeirim à capital e, embora de luto, marca.

M.^{lle} M. H. F. B., uma sinfonia a rosa e ouro, acompanha sua mãe, M.^{ma} B. F. B. ambas com *toilettes* de classe.

O que, sobretudo, impera é o branco. Em leves feitios e simples tecidos, manhã, e em tecidos mais ricos, de pesado cair, de tarde.

Este hall do Palace não parece, realmente, um pontinho bordado na talagarça transmontana: dir-se-ia uma página da *Vogue*.



A moda em Londres

PEQUENOS PORMENORES

— O solideo em palha formado por quatro tiras, em cruz, com outra em orla circular.

— Folhos a finalizar mangas.

— *Shantung* em vestidos de rua, nos tons azul, ciclame e amarelo torrado.

— Vestidos de linho com bordados em relevo.

— Casacos soltos, nos vários tons do cinzento. Corte alfalate.

— Com *foulard*, fazem-se muito a saia plissada e o casaquinho curto, tendo breve folho a formar aba.

— Já começam a aparecer tecidos para outono. *Lesur* lança o quadriculado de dois tons bem harmonisantes entre si, tais como gris sobre preto, verde sobre negro; e, sobretudo: azul e branco com o fiozinho vermelho, clássico.



Estes vestidos fazem as senhoras mais novas. Dão-lhes um gracioso aspecto de colegial

Uma meia feita
Outra meia por fazer
Se as não comprar nesta casa
Muito terá que coser

MEIA DE VIDRO

RUA AUGUSTA, 158
L I S B O A



O veu é, agora, um adorno decorativo



Reparem na elegância e simplicidade deste modelo da Harper's Bazaar

FOTO-CRIME

MORTA NA RUA



STORM MELONY jazia morta, num domingo de manhã, numa rua muito sossegadinha. O médico da Polícia, depois de examinado o cadáver, declarou ao inspector Cobbe: «Há lesões muito acentuadas no peito e no abdomen. Deve ter sido atropelada por um carro que dobrou a esquina a grande velocidade». Declarou ainda que não encontrara lesões de outra qualquer natureza.

Kenneth Kent, interrogado pelo inspector disse: «Vinha para este lado, quando um grande camião fez, a grande velocidade, uma ultrapassagem. Felizmente vi o número. Quando cheguei encontrei a rapariga nesta posição. O camião desaparecia ao longe. Não havia mais carro algum em redor.



O inspector Cobbe examinou, cuidadosamente, o carro de Kente e encontrou uma ligeira massa no radiador. Kent explicou que fora uma amolga-dela que fizera, na semana anterior, num pequeno desastre. Era de importância tão pequena que nem sequer se apresentara na Companhia de Seguros.



UMA hora depois, o inspector Cobbe encontrou o camião em questão. O condutor — Herbert — admitiu que, realmente, andara a uma velocidade exagerada e declarou que não vira nem sombras da rapariga. Convencido de que um deles mentia, o inspector tornou a examinar cuidadosamente os carros encontrando a solução.

QUEM MATOU STROM MELONY?

(Ver a solução na pág. 30)

MONTY, OBRIGADO

(Continuação da página 8)

mou que, nesta guerra moderna, todo aquele que aspirar ao comando tem que ser "mentalmente e fisicamente robusto,»

Esta insistência sobre a robustez completa sempre foi, evidentemente, consideração primordial para o marechal de campo. Não a robustez *per se* (essa ambição vulgar e arida) mas a robustez é precisa para o cumprimento do dever. Isto faz, de facto, parte integrante da dedicação sincera de Montgomery pela sua profissão. Assemelha-se a outros notáveis generais britânicos do passado na sua compreensão da dedicação à tarefa que lhe é confiada.

A vida de Montgomery no exército, até ao começo desta guerra, foi a vida normal de um soldado profissional trabalhador. Como subalterno, serviu no Real Regimento do Condado de Warwick (Royal Warwickshire Regiment) na Índia e na fronteira do Noroeste. Alcançou promoção rápida, em campanha, durante a última guerra. Passou tanto pela Escola do Estado Maior de Camberley como pela de Queta e foi subindo constantemente na sua profissão até ser promovido a major general em 1938.

Foi a sua carreira ortodoxa e uma preparação ortodoxa para o que estava para vir. De facto, mesmo um estudo superficial das suas campanhas mostra que os seus êxitos brilhantes se devem em grande parte ao estudo prolongado e sistemático que fez dos princípios, bem experimentados e fundamentais, que formam os alicerces da estratégia e da tática. Os alicerces ortodoxos são bons e constituem um ótimo ponto de partida para um soldado de génio — mas não é este o seu ambiente permanente. Nada têm de rigidamente convencionais os métodos de Montgomery, quando tenha de deffrontar, por acaso, o inesperado. A mestria com que maneja a arma aérea e batalhas como a da Linha Mareth são prova evidente da sua flexibilidade.

Sincero e tenaz

Não há muitos dias que tive a honra de conversar longamente com o marechal de campo no coração da Alemanha. Sentados em cadeiras de viagem, debaixo das árvores

(Continua na página 20)



ONTEM E HOJE

POR AUGUSTO RICARDO

“Sociologia
de Oliveira
Martins”

NA coleção «Estudos e Críticas», editada pela Livraria Figueirinhas, do Porto, e dirigida superiormente por Amorim de Carvalho, foi incluído um volume do dr. Raúl Leal acerca enorme figure de Oliveira Martins.

O autor trata neste trabalho de várias expressões ideológicas, sociais e históricas contidas na obra do grande pensador. Análises, documentos, estudos e crítica de forma elevada e com copiosa documentação, a Ideação e os conceitos históricos e filosóficos de um dos nossos mais lúcidos e prazerosos. E fá-lo com um belo poder de objectividade, nunca pondo de parte um pormenor elucidativo, nem recusando ser conciso e justo sempre que o seu espírito crítico é chamado a intervir na interpretação de uma ideia ou no esclarecimento de uma teoria.

Trata-se, pois, de um trabalho sério em seu conteúdo e no exame que faz do homem e do escritor. É um estudo reflectido, justo, escrito com clara comprehensibilidade e que revela um alto poder interpretativo. Obra que merece, não apenas ser lida, mas, principalmente, meditada por quem se interesse por problemas de pensamento.

“Os barcos descem o rio”

GUEDES DE AMORIM é entre a moderna geração de escritores, aquêle que não apresenta pontos de contacto com muitos dos seus confrades.

A essência da sua obra não a foi buscar a A ou a B. Temas, expressão formal e espírito literário são inconfundivelmente seus.

Na prosa de «Os barcos descem o rio» tem uma clara comprehensibilidade humana. O escritor não se perde na pompa da adjectivação, nem pretende disfarçar no abuso de frases «bonitas», a realidade dos motivos. E ainda bem que assim é. O forçado brilho discursivo tão de egredo dos novelistas que suprem com palavras os sentimentos e a verdade das coisas simples, revela-nos, em tantos casos, a incompreensão do drama da vida.

O romancista põe de parte o que existe de superficial na difícil tarefa de contar. Nas suas páginas não há uma frase a mais, um passo que não seja conciso e evidente. Esta circunstância, que para muitos comentadores é coisa de pouca valia, é para nós a maior virtude de romancista. Também nas páginas dos seus livros não existe a pretensa solução de problemas colectivos. A humanidade, por muito que pretendam, será sempre múltipla, pois a sua putada uniformidade nega a independência do indivíduo humano.

Dai, cada ser encerrar um mundo estranho e difícil de desvendar.

Esclarecer o universo que todos os homens constroem com ambições, lágrimas, esperanças ou angústias, é emprestar à arte a sua maior beleza.

«Os barcos descem o rio», não há temas de pretendida decoração exótica. Mais os motivos são humanos. Isto é, não são aspectos exteriores que o novelista nos dá na sua obra. Vai mais além nos seus intuitos de arte: faz-nos entender o que de grande, de sofredor e de angustioso, existe na existência de seres humildes. E estes tornam-se, através do poder expressivo do novelista, glorificados pela humildade ou pela dor.

O escritor de tantas obras admiráveis atinge, neste seu último livro, que re-nos parece, a plenitude das suas invulgarer qualidades. Todas as personagens de «Os barcos descem o rio», título que tem qualquer coisa de simbólico, é um livro em que se podem observar e compreender certas almas que, por sua simplicidade e misera condição, nos parecem feitas de sombra embora aspirem a redentora claridade. Barro humano, modelado pelas incertezas dos sonhos e calcado pela cruz do destino, é nessa argila ora indomável ora dúctil, que reside tudo o que é surpreendente e até o que nos parece imperfeito.

Guedes de Amorim escreveu e juntou à sua obra já valiosa, mais um livro que, sem favor nem louvaminhos, o coloca à frente dos nossos maiores escritores contemporâneos.

Uma virtude de admirar

Portuguêsem habitualmente o culto das coisas consagradas. Não importa quais sejam os factos e menos ainda o modo da sua consagração.

Uma frase feita é mais difícil de destruir de que atingir a lua. Até para muitas pessoas isso representa uma falta de educação.

Nós somos, por herança mórbida licitamente contemplativos. Os próprios indivíduos que se julgam positivos não fazem outra coisa que não esteja conforme o estabelecido. Isto é, contemplam e exaltam-se diante do seu positivismo.

Dai, as ideias e os conceitos, neles, serem mais estáticos do que as Pirâmides. Essa imobilidade, porém, é inofensiva. Tão inocente que comove. Tão entenebrecida como um lago tranquilo. Tão inofensivo como fôlha outonal amarelecida.

Contudo, essas raras virtudes assim tão amavelmente reveladas, constituem para tantos a doçura máxima da existência.

Pois se se at, para não colidir com o estabelecido, nós costumamos dizer no verão — mesmo que chore: — «que delicioso dia de Estio».

Mas se perdessemos o hábito de repetir o que os outros sentenciarão há muitos anos, quem sabe se seríamos ainda mais dóceis e conformados?

Revista “Turismo”

O último número desta magnífica publicação é dedicado às nossas realizações monumentais. Pelo assunto versado é pleno de interesse.

Menosprêzo pelo Teatro

O motivo é banal; e cremos que já vem de longe esta interrogação: Por que motivo não existe entre nós uma revista de assuntos teatrais? Houve, de facto, em tempos, algumas revistas de vida e temera, especialmente dedicadas ao teatro.

Não há negar que o português é um apaixonado por essa manifestação de arte. Contudo, por motivos inexplicáveis, não existe em Lisboa ou no Porto qualquer publicação que exponha sob o aspecto crítico, com independência, os vários problemas ligados à arte dramática.

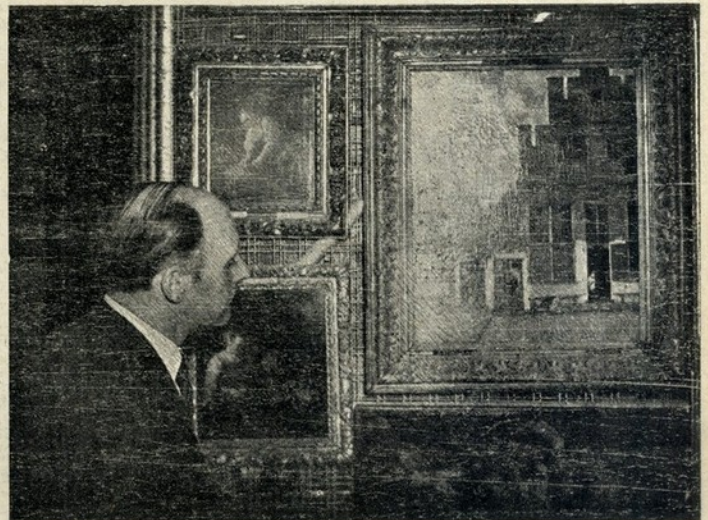
Para não citermos outros países, onde existem publicações especializadas da cena, lembremos apenas a França onde os assuntos de teatro são tratados com elevação em revistas de características culturais. Será porque entre nós a crítica está, em tantos casos, subordinada a negócios, ou a falta de seriedade dos comentadores?

Excluindo dois ou três vultos que fazem da crítica do teatro um tema sério, pondo de parte interesses de empresários e vaidades de comediantes, o que ligeiramente se escreve acerca de literatura dramática e seus interpretes tem quasi sempre seu quê de favor ou de timidez. E, infelizmente, mal vai ao crítico que não siga as indicações da fôlha em que escreve ou desrespeite os lucros dos empresários.

Não tem este comentário a intenção de modificar o que já é tido por inevitável. Nem tampouco pôr em dúvida a seriedade de alguns críticos. Estes, porém, são em tão limitada número que facilmente o público os poderá apontar.

A questão teatral é mais de natureza financeira do que artística. Se bem que sob esta feição não seja das mais surpreendentes. Talvez por isso qualquer imbróglio tem maior oportunidade aríctica do que uma peça escrita com gramática, intenção de arte, e honestidade de processos.

O facto, porém, levar-nos-ia muito longe; e se a nossa opinião, que é, também, a de muitíssimos admiradores do teatro, pudesse ser amplamente expandida não faltaria quem visse nela qualquer intenção oculta: favor de empresário ou o desígnio de realização cénica de hipotética obra dramática.



Obras de arte que voltam aos Museus da Holanda, de onde haviam sido levadas pelos alemães

SALOMÉ ARREPENDIDA

de GUEDES DE AMORIM

SENTADA, com a carta de José Manuel na mão, Maria Salomé tinha os olhos parados na janela. Anotícia. Lá de fora, subia apagado murmúrio de vozes. A criada veio saber se desejava que fizesse para o jantar o doce de laranja. «Pois sim — respondeu. — O senhor conde gosta muito...»

De novo sôzinha, ficou a meditar no seu passado. Tudo já tão longe, e, apesar disso, tão próximo... Revia-se, dois anos e meio atrás, ao balcão da perfumaria, no Chiado. De manhã, de tarde, e duas, três vezes seguidas, o conde passava, sorrindo-lhe. Não fazia caso. À noite, fechado o estabelecimento, dirigia-se a casa com o José Manuel, ambos enleados num amor sincero. O noivo estudava, dentro de dois anos seria médico e, então, consagrariam no matrimónio a sua paixão.

O conde passava, sempre. Soube, por uma colega, que ele era viúvo e tinha um filho, de dois anos, paraltico. Começou, então, a retribuir-lhe os sorrisos galanteadores, não por leviano passa-tempo nem por interesse de atraí-lo, mas somente por recolhida e íntima compaixão para com a sua infeliz viúva. Ele, um dia, entrou, dirigiu-se-lhe, comprando dois estojos para unhas, que mandou embrulhar separadamente. Ao despedir-se, apertando-lhe a mão, disse, deixando-lhe um dos embrulhos: «Permita-me... Este é para você...» Maria Salomé ficou rubra, confundida. Nem sequer agradeceu. O conde repetiu, uma semana depois, a atitude gentil, com um frasco de perfume. Ela, envergonhada, ainda recusou, mas o titular insistiu, insistiu pedindo que não desse a essa oferta outro valor que não fosse um incondicional testemunho de simpatia... Ele voltou. As colegas, trónicas e mal intencionadas, aconselhavam-na: «Aproveita, rapariga. Olha que hoje em dia, um conde — e um conde com dinheiro! — é a sorte grande. Aproveita...» Maria Salomé, porém, não lhes dava ouvidos. Não pensava nem vivia para mais ninguém senão para o seu José Manuel, sonho lindo do seu futuro.

De certa altura para diante, o conde, em vez de ir entregar-lhe presentinhos ao estabelecimento, passou a ir levá-los a sua casa. Maria Salomé achou, então, que se tratava de atrevimento prejudicial para a sua honra. Todavia, os pais, muito pobres, foram de parecer contrário. Que mal havia em receber bonitas e boas prendas daquêle senhor tão distinto e tão bem educado? Não havia mal nenhum. Depois, sempre era um auxílio, do qual todos, eles e ela, aproveitavam. Viu os pais tão felizes, tão contentes, que não se opôs. Cauteloso, recebendo uma cena de ciúmes, escondeu tudo, porém, de José Manuel. Não lhe falava dos constantes e valiosos presentes do titular; não lhe dizia, mesmo, que, às vezes, depois de deixá-lo, à porta da rua, ia encontrar, lá em cima, o generoso admirador, com quem tinha que conversar. Mas, veio um dia em que o noivo soube...

A criada, aparecendo de novo, fê-la abandonar a saudosa viagem pelo seu passado:

— Minha senhora, o senhor conde está ao telefone...

Levantou-se, sem pressa. Já sabia, antecipadamente, o que o marido lhe queria dizer. Pegou no auscultador, e, às primeiras palavras, teve um sorriso triste. Gilberto falava-lhe do clube, onde comeria com uns amigos. Pedia-lhe, pois, que o não esperasse para jantar e mandava dois beijos: um para ela e outro para o Joãozinho. Era o costume...

Dirigiu-se ao seu quarto, fechando-se por dentro. Não esperava que o telefone lhe troxesse comunicação diferente da que lhe trouxe, mas, nesse momento, o seu espírito achava-se mal preparado para suportar a ausência do espôso. Abriu a carta, recebeu uma hora antes, e releu-a pela terceira vez. José Manuel, em palavras de carinhosa expressão, dizia-lhe que sabia que ela não era feliz, que vivia escrovisada ao dinheiro do conde, passando dias, meses, anos, a tratar do filho paraltico. Oferecia-lhe, pois, o seu coração, que ela havia um dia destruído, mas que, colocando o amor acima do que havia su-

LAMINAS

Gillette continua a ser o mais perfeito sistema de barbear que existe no mundo.

Nenhum outro processo lhe poderá dar uma barba mais bem feita; desde que empregue as lâminas Gillette Azul ou Gillette Dourada, obterá a perfeição.

GILLETTE

75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º, LISBOA

cedido, a aguardava, fiel e dedicado. Maria Salomé lembrou o momento, anos atrás, em que se dera a rutura entre ela e José Manuel. Ah! Se ambos houvessem tido um pouco mais de calma... Ele, porém, acusara-a de ambiciosa, de preferir a fortuna do conde ao seu amor verdadeiro... Maguada, profundamente, com semelhante acusação, ela voltara-lhe, então, as costas, mas com os olhos rosos de lágrimas...

Releu as últimas linhas da carta: «Espero-te, hoje, às 10 horas, no meu automóvel, no Campo Grande...» Maria Salomé ficou pensativa. Que fazer? Correr para os braços do homem que havia sido a sua maior paixão ou continuar, ali, com um marido quasi sempre ausente, e aturá-lo o filho enfermo? A sua honestidade, a gratidão pelo conforto de que Gilberto a tinha rodeado e, também, a piedosa amizade que votava ao doentinho, obrigavam-na a resistir.

A criada bateu à porta:

— Minha senhora, posso servir o jantar?

— Pode.

— Os três talheres?

— Não, dois. Vá buscar o menino.

Quando se sentou à mesa, a criada chegou, também, empurrando o carrinho onde jazia o paraltico.

— Tems muito appetite, Joãozinho?

— perguntou Maria Salomé, apertando ao pescoço do pequenito o suardanapo.

— Não tenho — respondeu o pequenito. — O papá não vem?

— Não, meu amor.

— Então, não como. Nunca vejo o papá. Não como...

Como sempre, Maria Salomé es-

(Continua na página 80)

composição Mentolum 8 grs. - Methylum Salicylicum 8 grs. Lanolinum Anhydricum 16 grs.

BAUME BENGUE

ANALGÉSICO

GÔTA, REUMATISMOS E NEURALGIAS

Dr. BENGUE, Farmacêutico de 1.ª classe pela Faculdade de Paris

O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em todas as casas, Alívio rápido, após a primeira aplicação.

A venda em todas as farmácias do País — Escudos: 15\$00

ESTOMAGO ÁCIDO

Sente-se mal disposto?
2 Rennies
Deixam-no compôsto



UMA DOR



2 RENNIES



UM SORRISO

Uma indigestão ácida pode atirá-la abaixo. Mas coração ao alto — existe um excelente remédio! Nunca ouviu falar das Rennies? Certamente que sim! Pode trazê-las na algibeira ou na malinha de mão. Elas tratam da indigestão n um ápice, assim que elas se manifestam.

As Rennie são embrulhadas e separadamente, para se poderem trazer soltas na algibeira ou na malinha de mão. De sabor agradável, chupam-se como rebuçados. Primeiro uma, depois mais outra. É fácil! Não lhe parece?

Bastam 2 minutos para as Rennie neutralizarem o excesso de ácido. Náuseas, dores, sensação de queimadura, flatulência — tudo desaparece num ai!

Quando fór tomar a sua próxima refeição fá-lo-á com appetite. Compre um pacote ainda hoje, na sua farmácia e traga alguma Rennie sempre consigo.



O homem civilizado

COMEÇA O SEU DIA ENSABOANDO A CARA PARA BARBEAR-SE... MAS O SUPER CIVILIZADO SUBSTITUE O SABÃO PELO

CREME DE BARBEAR
RAPIDE

O CREME QUE BARBEIA MELHOR E MAIS RÁPIDO

CONCESSIONÁRIOS E DISTRIBUIDORES
SOCIEDADE PORTUGUESA DE PERFUMARIA, LDA.
ESCRITÓRIOS E DEPÓSITO • R. RODRIGUES SAMPAIO, 59 • TELEF. 4 0880
FÁBRICA • RUA RODRIGO DA FONSECA, 87-B • TELEF. 4 5410

MONTY, OBRIGADO

(Continuação da página 26)

junto da sua caravana, tínhamos à nossa frente a mata de faias que coroava o outeiro a cujo sopé se encostava um típico Schloss (castelo) alemão. Anos de imensa responsabilidade e de êxitos estrondosos não mudaram Montgomery; serviram, simplesmente, para lhe fortalecer a confiança em si próprio e na sua missão. Exteriormente, é o mesmo homem sincero e tenaz que era, quando oficial subalterno do Estado Maior, tão exigente agora como então; para consigo e para com os seus colegas.

Mas não lhe falta o espírito. A uma volta da conversa disse-me que encontrara no Schloss um Livro de Visitantes com esta última nota: "Consta que se encontram tanques ingleses na fronteira do Hanover mas não vale a pena prestar atenção ao boato.."

"Quando recommear o meu avanço — disse Monty — "you acrescentar outra nota

naquele Livro de Visitantes..

Teve também outra frase que lhe é tão característica que não posso deixar de a repetir. "Ganha-se a guerra com vitórias,, disse êle. "Ganha-se a guerra com vitórias,, Parece uma verdade corriqueira, um vislumbre, poderia dizer-se, do evidente. Mas não na acepção em que Montgomery a empregou. Ilumina como um clarão o conceito que faz da tarefa que lhe incumbe. Significava: "Tudo para a batalha,, Nenhum fim colateral, nenhuma consideração que não fôsse de carácter militar poderiam persuadi-lo de desviar-se do propósito primordial de bater o inimigo no campo de batalha. O termo "concentração,, empregado nos manuais significa para Montgomery, exactamente o que exprime. Concentração e equilíbrio — creio que são estas as chaves mestras da maneira como Montgomery entende e pratica a guerra. Nenhum esbanjamento de forças em diver-e na direcção das formações sob o seu comando que fez

sões e nenhuma disposição de forças que seja demasiado rígida para o vai-vem da batalha.

Fria certeza do êxito

As vitórias de Montgomery têm um aspecto notável: quando as recordamos parecem nos terem sido inevitáveis. Houve tal certeza no emprêgo com que o êxito, mesmo quando ligeiramente demorada, fôsse a única conclusão possível. Isto, está claro, é apenas uma impressão *post hoc* mas o facto é que Montgomery prima no conhecimento preciso dos meios lógicos de alcançar o fim em vista. Nunca atacou sem primeiro verificar, não só que estava assegurado o equilíbrio das armas de apoio mas também que tinham sido satisfeitos todos os requisitos do movimento e dos abastecimentos.

E, assim, veio a suceder que a sua serena confiança, na véspera de batalha foi sempre compartilhada por todos os homens sob o seu comando. "Vão agora empurrar Rommel para fora da Africa,, "O vigésimo primeiro grupo de exércitos atravessará agora o Reno,, É essa a espécie de ordens que encanta as tropas inglesas. Sabem, sem a menor sombra de dúvida, que "logo que Monty dá a ordem", nada ficou por ultimar, quer no ar quer na terra, e o que o trabalho será levado a cabo com o máximo de perdas para o inimigo e com o mínimo de baixas para as suas tropas.

Há mais uma coisa a dizer que nunca poderá ser omitida em qualquer apreciação dos feitos de Montgomery. Em tôdas estas campanhas o prestígio da sua personalidade única e familiar não pode ser demais encaecido. Isto, evidentemente, não lhe passa despercebido. É premeditadamente que tem procurado tornar-se conhecido de todos os seus homens e de lhes inspirar confiança não meramente num nome mas num homem. Nisto foi bem sucedido não só graças à sua força de carácter mas por se servir ponderadamente de toda a técnica moderna, incluindo a rádio. Mesmo a maneira como se veste não é obra de acaso. Aquella sua boina enfeitada vale um corpo do exército.

A sua contribuição mais notável

A sua contribuição mais notável em todo êste conflito tornando bem pode ser uma que

deve colocar-se à parte da sua tática ou da sua estratégia, embora intimamente ligada a ambas. *Resolveu o problema de restaurar, na guerra moderna, o valor do comando pessoal.* Para os veteranos do oitavo exército e, também, para os do vigésimo primeiro grupo de exércitos, o marechal de campo, Montgomery não é, de maneira alguma, uma figura remota e impessoal. É o camarada e o comandante, conhecido e adorado, que merece e tem a confiança de todos.

Os Comboios Voadores

(Continuação da página 2)

tudo quanto ela possa carregar. O peso adicional que se pode transportar depende de certos números de factores mas, para todos os efeitos práticos, pode calcular-se que atinja até o peso do avião rebocador. Um combóio de planadores também oferece mais espaço. Planadores, especialmente construídos, tais como o Hamilcar, podem transportar veiculos volumosos que nunca poderiam caber no avião rebocador.

Outra vantagem do planador consiste em que pode aterrar num espaço relativamente pequeno.

(Continua na pág. seguinte)

AS RUGAS

SÃO O PIOR INIMIGO DA SUA BELEZA

ELIMINE AS SUAS, USANDO OS PRODUTOS ELECTRICOS

MIRABILIA
(LOÇÃO E CREME)

Nº CAMPOS

Os comboios voadores

(Continuação da pág. anterior)

A Grã-Bretanha já aperfeiçoou a técnica de apanhar planadores pousados com aviões rebocadores em voo e isto acrescentou-lhes pelo menos vinte e cinco por cento ao seu valor. Antigamente, o que se pensava era que o planador estava perdido depois de um único voo operativo. Agora, o planador depois de descarregado, pode ser de novo rebocado para receber nova carga. A técnica empregada para os apanhar é semelhante à que foi demonstrada pela Real Força Aérea antes da guerra para apanhar mensagens depositadas em terra; um gancho para contacto com um cabo suspenso a alguma altura acima do chão. A prova dos aperfeiçoamentos introduzidos nesta técnica, há um ano ou dois, é dada pela notícia de que planadores da R. A. F. carregados de feridos foram apanhados de pistas de aterragem nas selvas da Birmânia e rebocados para o hospital.

Planadores de foguete

Militarmente, o planador também tem a vantagem de ser de construção relativamente barata porque não precisa de motores, embora a tendência seja para lhe dar apetrechamento cada vez mais complicado, o que torna a sua recuperação duplamente importante. Têm valor por serem silenciosos. A vantagem de precisar o piloto de um planador de um treino mais curto que o piloto de um avião de transporte é mais aparente do que real. O piloto de planadores, no Exército Britânico, precisa de um treino longo e cuidadoso e tem que ser, além disso, um combatente de primeira classe. Muitos já foram condecorados por actos de bravura, depois de terem aterrado.

Que aplicação terão estas vantagens no emprego futuro do planador na paz e na guerra? Na guerra, é provável que o planador venha a ser mais complicado, descendo silenciosamente de uma altitude de 7.500 metros, quando pode ainda avançar 40 quilómetros sem força motriz. É possível também que vejamos planadores munidos de dispositivos de foguete que lhes darão força motriz durante dois ou três minutos, o que aumentará muito o alcance e as possibilidades da aeronave. O silêncio, o seu baixo custo e a sua capacidade para aterrar em espaços relativamente pequenos devem manter os planadores como unidades importantes das forças combatentes durante ainda muitos anos.

ELES VÊM...

(Continuação da página 10)

Fica-se a gente extasiado a ouvir o «Danúbio Azul», onde volitam pares, fôlhas secas de outono, beijos mortos — todo o passado com o seu pálido esplendor nos espelhos embaçados, do que ficou para além do caminho.

A música dos cegos sugere isso, envenena isso nos nossos nervos.

É alma pura que se dá aos ouvidos, e só ela fala, quando a outra pouco menos é do que silêncio — embora seja som.

Na Inglaterra, a educação dos meninos cegos é admirável. Há-os escultores, geógrafos, dactilógrafos. De mil maneiras engenhosas os professores aperfeiçoam as vocações nascentes. Cegos, eles vêem! E são, no meio dos homens, seres tão úteis, como os outros, mas cujo trabalho, porém, é mais valioso que qualquer outro.

ATÉ TÓQUIO

(Continuação da página 21)

que do ar surja como objectivo de interesse para as bombas americanas — pouco mais são hoje que montões desordenados de ruínas. A produção industrial da ilha — que tão grande papel desempenhava no esforço de guerra nipónico — decaece a olhos vistos, após ataques sobre ataques desferidos numa ofensiva aérea de tamanha violência. E no mar, nas águas vizinhas da ilha, 1.569 é a bonita soma de navios inimigos afundados pelos aparelhos da 5.ª Força Aérea, que ali são soberanos.

As instalações para a construção de barcos de madeira destinados a aliviar as colossais perdas sofridas pela navegação mercante nipónica, não sentiram menos o peso das bombas americanas. Assim, desde o começo do ano até 19 de Maio de 1945, mais de 9.000 toneladas de bombas haviam chovido sobre a ilha, lembrando aos japoneses que outras viriam até ao dia em que, vergado, o Japão supplicasse a paz.

Num recente relatório sobre a guerra, apresentado ao Congresso pelo Presidente Harry Truman, este prometia aos japoneses uma maior intensificação dos bombardeamentos ao seu território, afirmando: «Os aviões que, actualmente, empregamos e que no futuro empregaremos contra o Japão serão de maiores dimensões e mais poderosos de acção do que os que utilizámos na Europa». E, por estas palavras — palavras claras que não deixam dúvidas — a perspectiva que aguarda o Japão. Só a paz, só a rendição incondicional o poderá salvar.

Salomé arrependida

(Continuação da página 28)

forçou-se por meter, pouco a pouco, uns bocadinhos na boca do seu enteado. Evitava muito nervosa. As lágrimas do menino paralítico e a sua própria vida sem calor afectivo, enquanto o esposo se divertia no clube com os amigos, faziam-na render-se, mentalmente, à proposta de José Manuel.

Quando o jantar terminou, numa tristeza enervante e igual à de muitos, muitos outros, Maria Salomé ordenou à criada que levasse o doentinho, e o deitasse.

— Não vens comigo?

— Tenho que escrever umas cartas



MAU PRESÁGIO



O primeiro cabelo branco é um mau preságio! Já vai anunciando a velhice, a perda das alegrias mais deliciosas da vida.

É mau preságio, porém, somente para aquelas que se dão de antemão por vencidas. Para as outras, todos os milagres da ciência moderna se conjugam para prolongar a sua mocidade radiante.

Já mais câs! Uma aplicação de Imédia e novamente terá trinta anos.

14, Rue Royale — PARIS
88, Rua da Assunção — LISBOA

IMÉDIA

OREAL

— disse Maria Salomé, o'hando com melancolia para o Joãozinho. — Adeus, amor. Até amanhã... — e beijou o menino.

— E se chove? Se começa a trovejar?

— Não chove.

— Mas, vens para o meu lado, se chover, se trovejar?

— Sim, vou, meu amor.

Seguiu, com um olhar de ternura, o carro da infeliz criança. Que pena ela, ao menos, na sua fria solidão, com marido e sem amor, não ter um filho! Seria tudo muito diferente. Se o Joãozinho, embora tolhido das pernas, fôsse seu filho — ah! — seria tudo bem diferente.

Beusamente, sacudia-a um estremecimento de vontade. Olhou o relógio: nove e meia... Estava, pois, decidida: iria, iria, sim, à procura do amor e da felicidade. Dirigiu-se ao quarto, pôs um chapéu e enfiou um casaco. Desceu as escadas, rapidamente. Mas, ao abrir a porta, recuou. Chovia a cântaros. Voltou-se: a escada escuras... Apesar de tudo, iria, estafimada de amor, entregar-se aos braços de José Manuel. Iria, sim. Entretanto, começou a trovejar e relâmpagos, num veloz bailado de fogo, riscavam o espaço. Então, todo o seu desejo ardente se apagou... Deixou-se vencer pelo temporal e pela recordação do Joãozinho, que passava as horas a chamar pelo pai e para quem ela era, afinal, uma segunda mãe. Fechou a porta e correu escadas acima.

Ao entrar no quarto do menino paralítico, debatia-se ele numa tormentosa crise de nervos, como sempre sucedia quando ouvia chover e trovejar. Pálido, chorava e tremia. Maria Salomé, com o coração amargurado, ajoelhou-se-lhe à beira da cama, sussurrando-o.

— Sostege, Joãozinho. Já aqui estou... Sostege.

O menino agarrou-lhe as mãos e

como se hovesse adivinhado o seu frustrado projecto de fuga, pediu:

— Não saias daqui. Não te vás embora

— Não, amor. Não vou...

Venceram os trabalhistas

(Continuação da pág. 19)

glês perante a personalidade vigorosa daquele eminente homem de Estado.

Com um novo Parlamento e um novo Governo, a Grã-Bretanha prossegue na sua rota contribuindo, com a sua colaboração e o seu exemplo, para a preparação duma era de paz e prosperidade. Não eram outros os seus objectivos ao lançar-se na luta contra a agressão e a violência que pretendiam impôr-se como leis supremas da humanidade.

A SOLUÇÃO DO FOTO-CRIME

Melony Strom morrera de lesões no peito e no abdomen, sem haver outras de qualquer natureza, dissera o médico. O carro de Kent tinha um para-choques. Se ela tivesse sido atropelada por este carro, forçosamente teria as pernas partidas ou, quando muito, marcadas. Por outras palavras, só um veículo que não tivesse para-choques poderia ter marcado a raperiga no peito e no abdomen, sem lesar as pernas. Por esta razão, o inspector Cobbe eliminou Kent da lista dos suspeitos e apertou Herbert com perguntas ao mesmo tempo que examinava melhor o carro. Acabou por encontrar, no radiador, um fio de lã do vestido da vítima. Herbert confessou, então.

B. B. C.

A VOZ DE LONDRES FALA E O MUNDO A CREDITA



Os professores escolhem as séries de lições que convêm ouvir



Aguardando a hora de sintonizar

TRANSMISSÕES ESPECIAIS PARA AS ESCOLAS INGLÊSAS



A classe ouve a lição transmitida pela rádio



Uma lição radiofônica de canto



UM PILÓTO FEMININO

**MUNDO
GRÁFICO**